

“SOMOS PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE JESUS!”... SERÁ MESMO?



*“Vistes o que fiz aos egípcios e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, portanto, se ouvirdes atentamente a minha voz e guardardes a minha aliança, **sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos**, porque toda a terra é minha; mas vós sereis para mim reino de sacerdotes e nação santa...”* (Êxodo 19.4-6a – Almeida Século 21)

Certa vez, ao dar início a um culto, o pastor de uma determinada igreja disse à sua comunidade: *“Se você veio até aqui, na intenção de encontrar Deus neste lugar, você perdeu a viagem. Deus não está aqui (no templo). Deus está dentro de você! E se não estiver dentro de você, Ele está dentro da*

pessoa ao seu lado.”. Em outras palavras, o pastor daquela comunidade estava ensinando aos seus membros que eles, como igreja, eram a representação visível de Deus na terra e, portanto, **“propriedade exclusiva de Jesus”**. Essa expressão tem sido difundida nos quatro cantos da nossa nação. Mas será mesmos que nós, cristãos, somos propriedade exclusiva de Jesus? Será que o Rei dos reis e Senhor dos Senhores (cf. Apocalipse 19.16) tem reinado com propriedade e soberania em nossa vida? Será mesmo? Essas são questões que, ainda que de forma introspectiva, precisam ser respondidas diariamente por cada um de nós.

A passagem bíblica acima é um daqueles textos bíblicos veterotestamentários que caberiam perfeitamente em qualquer um dos quatro Evangelhos; ainda mais se as palavras dessa passagem fossem proferidas pela boca do Senhor Jesus Cristo. Na realidade, poderíamos denominar o referido texto bíblico com uma porção do “Evangelho do Êxodo”. Isso porque a tipologia presente no texto é incomensurável. Não foi à toa que o Senhor Jesus disse: *“Examinais as Escrituras, pois (...) são elas que testificam de mim”* (João 5.39).

Quando submetemos esse trecho bíblico do Livro do Êxodo a uma hermenêutica contextualizada, podemos observar dois pontos importantes. Por um lado, no Antigo Testamento, vemos a graça de Deus – através de prodígios e sinais miraculosos – libertando uma nação oprimida, sem vontade própria, sem perspectiva de futuro, envolta por uma pluralidade religiosa enorme, escrava de um sistema de valores mundanos e sem nenhum tipo de comunhão ou experiência com Deus. Por outro lado, como que por espelho, no Novo Testamento vemos a mesma graça de Deus – através do sacrifício do Senhor Jesus – libertando uma humanidade decadente, corrompida em seus conceitos e valores, escrava do pecado, cega em sua trajetória de vida e sem nenhuma perspectiva de desfrutar a eternidade com Deus.

No texto bíblico Deus afirma que Ele carregou o Seu povo “sobre asas de águia” (cf. Êxodo 19.4). Essa expressão encontra um paralelo no Livro do Deuteronômio onde se explica que, assim “como a águia ensina os filhotes a voar e com as asas estendidas os pega quando estão caindo, assim o Senhor Deus cuida do seu povo” (Deuteronômio 32.11 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje). No momento em que os israelitas sucumbiam diante da opressão dos egípcios, Deus, “com mão forte e com braço estendido” (cf. Deuteronômio 4.34), como uma águia os resgatou. Da mesma forma o Senhor Jesus, no momento em que a humanidade sucumbia diante do pecado e da corrupção do gênero humano, Ele deu “a Sua vida em resgate de muitos” (cf. Mateus 20.28) e como uma águia “subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens” (cf. Efésios 4.8).

Tudo bem... Essas são histórias lindas e maravilhosas. Mas Deus fez tudo isso primordialmente para que? Com qual objetivo principal Deus nos resgatou? Simplesmente para sermos batizados e nos tornarmos membros de uma igreja? Será que Deus nos resgatou apenas para que possamos participar ativamente de um ministério ou departamento? [...] Será que Deus nos resgatou somente para vivermos uma vida “templocêntrica”, buscando em todo momento impressionar as pessoas que estão dentro da igreja?

Algumas pessoas acham complicado trazer uma palavra quando morre alguém. Mas isso é relativamente simples. É muito fácil realizarmos cultos fúnebres, visto que a pessoa em questão já está morta e o Espírito Santo é quem consola os familiares. O difícil é lidarmos com a dor crônica de uma pessoa enquanto em vida. Discorrer sobre um defunto é moleza. Dureza é ter coragem e ousadia de levar conforto e serenidade ao coração sofrido; dureza é conseguir enxugar as lágrimas daqueles que não tem mais esperança; dureza é ter compaixão daqueles que precisam desesperadamente de um abraço e abraça-los independente das circunstâncias ou aparência em que eles se encontram. A prática dessas ações muitas vezes é complicada porque a maioria dessas coisas não se pratica nos templos, mas na vida diária, o que incluiu o lar do vizinho, o ambiente de trabalho, o ambiente familiar etc.

Muitas pessoas confundem maturidade e vivência cristãs com o tempo de membresia ou de frequência em uma igreja. Mas será que a resposta que damos a Deus, em troca do nosso resgate, é simplesmente estarmos presentes pontualmente em todos os cultos, erguendo as mãos durante o período de louvor, fechando os olhos durante as orações, participando de todos os eventos e nos preocupando com a nossa imagem diante das pessoas? Com certeza, não.

Tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento a vontade de Deus é uma só: trazer o Seu povo liberto para perto dEle (cf. Êxodo 19.4 – “vos trouxe a mim”). E isso não envolve uma simples proximidade, mas, principalmente, um relacionamento que resulte em intimidade. **Estar perto de alguém é diferente de ser íntimo dele.** Podemos estar perto das maiores personalidades do nosso tempo. Ainda assim, isso não acrescentará nada à nossa vida. Do mesmo modo, ser íntimo de Deus não trata do quanto você sabe sobre Deus, mas o quanto você se relaciona pessoalmente com Ele. A

intimidade com Deus só é cultivada através de uma praticidade de vida composta por experiências profundas e diárias com Deus. É manter uma vida espiritual jovem e saudável, ainda que habitemos um corpo velho e desgastado pela ação do tempo. A intimidade com Deus é o que nos faz acordar todas as manhãs e, a exemplo do salmista, declarar: “*Este é o dia que fez o Senhor; regozijemo-nos e alegremo-nos nele*” (Salmo 118.24).

O desenvolvimento de um relacionamento pessoal com Deus, que resulte em intimidade com Ele, não surge de forma passiva, com o simples transcorrer do tempo. De volta à passagem bíblica, notamos a presença da conjunção subordinativa condicional “se” (v.5 – “*Agora, portanto, se...*”).

A conjunção “se” indica que Deus estabeleceu dois princípios para que possamos nos considerar como propriedade exclusiva de Jesus. São duas condições que não podem ser burladas. São elas:

1ª Condição: “*Se ouvirdes atentamente a minha voz*” (cf. Êxodo 19.5). O êxito do nosso relacionamento com Deus depende da forma como ouvimos as Suas palavras. Afinal, **o mais importante não é aquilo que se diz, mas principalmente a forma como se ouve**. Em nossas orações queremos sempre que Deus fale conosco. Mas o que Deus tem falado, tem sido ouvido? E ouvido com diligência e atenção?

No entendimento judaico, os olhos e ouvidos estão ligados à mente, isto é, à compreensão; gerando, em consequência disso, uma resposta prática por parte do ouvinte¹. A compreensão da voz de Deus não é feita de forma acadêmica, mas, de forma empírica, experiencial. A voz de Deus precisa ser ouvida e internalizada em nós, de forma que ela faça sentido em nossa vida.

2ª Condição: “*Se guardardes a minha aliança*” (cf. Êxodo 19.5). No Antigo Testamento muitas alianças eram regidas pelas “linhas básicas do direito matrimonial”. Essa ideia soa de forma estranha para a maioria de nós porque convivemos com a cultura ocidental de matrimônio. Mas na cultura oriental judaica, a partir do momento em que um homem paga uma taxa de casamento ao pai de uma moça, juridicamente o homem é considerado “proprietário” da mulher, e a mulher é tida como “posse” do homem. Por isso, o termo hebraico **אָרָא** (*‘āras*), geralmente traduzido por “noivar” significa “*fazer contrato de casamento*” ou “*adquirir juridicamente como propriedade*”. Distingue-se claramente do “noivado” o ato seguinte, o “casamento”, o levar para casa, o “tomar posse” da mulher. Em relação à mulher, casar-se significa “ser agregada ao homem”². Jesus pagou um alto preço pela Sua “noiva”, comprando-a com Seu próprio sangue, pois “*se deu a si mesmo em preço de redenção por todos*” (cf. 1Timóteo 2.6). Na primeira carta escrita à Igreja em Corinto, o apóstolo Paulo declara:

¹ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. Trad. Antônio Steffen. São Paulo: Hagnos, 2007. 132-135 p.

² Ibidem, 256-257 p.

“Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.” (1Coríntios 6.20)

Nas palavras do apóstolo Paulo fica bem claro a ideia dos princípios regidos pelas linhas básicas do direito matrimonial. Não somos de nós mesmos... Nós pertencemos a Deus.

Cumpridas as duas exigências, Deus então realiza duas promessas ao Seu povo. São elas:

1ª Promessa: “Sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos” (cf. Êxodo 19.5). Em algumas traduções, a expressão “minha propriedade exclusiva” é substituída por “meu tesouro pessoal” – termo usado várias vezes em referência a tesouros do rei (cf. 1Crônicas 29.3; Eclesiastes 2.8).

Fazemos parte do tesouro pessoal de Deus, comprado com o precioso sangue do Senhor Jesus Cristo vertido na cruz do Calvário (cf. 1Pedro 1.19). De forma que toda a minha vida (envolvendo vontades, sentimentos, pensamentos e decisões) estão à disposição do Senhor Jesus para servi-lo. Como escreveu o apóstolo Paulo:


“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.” (Gálatas 2.20)

2ª Promessa: “Sereis para mim reino de sacerdotes e nação santa” (cf. Êxodo 19.6). A ideia não era que houvesse uma casta sacerdotal entre o povo; em vez disso, todo o povo deveria usufruir de privilégios sacerdotais e ao mesmo tempo cumprir uma função sacerdotal em relação aos outros povos. Essa ideia foi ratificada séculos depois pelo apóstolo Pedro quando, em sua primeira epístola, ele escreveu:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (1Pedro 2.9)

Certa vez eu ouvi de um pastor uma frase, que me fez refletir bastante. Ele disse: “O que somos é um presente de Deus para nós. No que nos tornamos é um presente nosso para Deus.”. Diante dessa frase nos surge uma questão que também precisa ser respondida por cada um de nós: Com que tipo de vida nós temos presenteado a Deus? Ou em outras palavras: o que a nossa presença, na presença de Deus, gera do coração do Pai? Orgulho ou vergonha?

Pense nisso!

 Reflexão baseada no sermão – de mesmo título – ministrado em 03/06/2012, na Igreja Batista Memorial em Vila Rosária – São Paulo/SP.